

é evidenciada. Seguem-se excertos retirados de outras obra de Luciano, nomeadamente de *Toxaris* e de *As Dípsadas*, com o intuito de completar este tema acerca do confronto de culturas (“Images grecques chez les barbares”, pp- 99-101, “L’orateur et le discours ethnographique”, pp. 101-102).

O capítulo seguinte apresenta algumas partes escolhidas do tratado *A Deusa Síria* (“*De la Déesse Syrienne: extraits*, §1, 10 et 30 à 40”, pp. 103-111). Apesar de se reconhecerem, na introdução que precede os excertos, as dúvidas existentes quanto à autenticidade deste opúsculo, esta questão é considerada de modo bastante superficial. Aceitar que a maioria dos comentadores reconhece a autoria (p. 105) constitui uma simplificação do problema, que não reflecte a longa discussão existente e para a qual se poderia remeter em nota de rodapé. A inclusão dos estudos de Dirven (“The Author of *De Dea Syria* and his cultural heritage”, *Numen*, 44, 1997, pp. 153-197) e de Lightfoot (*Lucian. On the Syrian Goddess*. Oxford: Oxford University Press, 2003), cuja introdução se detém de forma aprofundada neste problema, na bibliografia específica sobre a obra, indica um conhecimento da matéria que não se reflecte nas páginas dedicadas ao opúsculo.

Seguem-se excertos comentados de outras obras de Luciano, nomeadamente *Zeus Trágico* (“*Zeus Tragique: extraits*, §6 à 12 et 33”, pp. 121-131), *Os Amores* (“*Les Amours: extrait*, §6 à 18”, pp. 133-144), *As Imagens* e *Em defesa das Imagens* (“*Les Portraits et La Défense des Portraits*”, pp. 145-175), e um complexo estudo de Jackie Pigeaud, “Lucien et l’ekphrasis” (pp. 177-210), que procura reflectir acerca de termos relacionados com a *ekphrasis*, como *harmogè*, *symmetria* ou *mimésis*, e cuja ponderada análise oferece novas interpretações da obra de Luciano, especialmente pela relação que estabelece com outras fontes da Antiguidade.

Terminam o livro uma lista de artistas e de obras mencionados no *corpus* luciânico, com indicação daquelas para as quais constitui a única fonte disponível (p. 215), uma completa lista bibliográfica de estudos sobre este autor, a que não faltam os mais recentes livros sobre a sua recepção na tradição literária europeia, e um índice dos principais nomes e autores citados, que apesar de útil não se revela muito exaustivo.

**Maria Luísa de Oliveira Resende**

*Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Clássicos*

**EDMUND P. CUEVA et SHANNON N. BYRNE eds.** (2014) *A Companion to the Ancient Novel*. (Blackwell Companions to the Ancient World), Oxford, Wiley-Blackwell, xiii+612 pp. ISBN 978-1-118-35041-6 (199.20€).

O presente volume, coordenado por Edmund Cueva e Shannon Byrne, reúne, segundo os seus coordenadores, diferentes perspectivas e interpreta-

ções relativamente a um conjunto variado de tópicos, constituindo-se como um volume apropriado quer para novos leitores, quer para especialistas no romance antigo.

Dividido em quatro partes, a primeira, intitulada «Novels and Authors», conta com três subpartes. Na primeira, dedicada ao romance grego, Graham Anderson analisa, em *Quéreas e Calíroo*, diversas características do romance tais como enredo, estrutura, caracterização, sexualidade, humor, entre outros; Jean Alvares centra a sua análise do romance na presença e importância dos «arquétipos míticos» para a construção do significado da narrativa; James O'Sullivan («Xenophon, *The Ephesian Tales*») apresenta o sumário da obra, discute problemas autorais e de datação, a técnica de composição, assente na repetição de temas e de fórmulas verbais, e ainda a relação do texto com *Quéreas e Calíroo*; Kathryn Chew analisa *Leucipe e Clitofonte*, discutindo o autor, a transmissão do texto, a data e as tendências de análise na interpretação da obra; em seguida, analisa a obra, discutindo os motivos convencionais dos romances gregos (narrador de terceira pessoa, amor «à primeira vista», o estatuto e a beleza dos heróis, o foco na heroína, o amor, a sorte e os deuses, a amizade, as viagens, as digressões e descrições, piratas e aventuras, os motivos da «separação» e da «morte aparente», a castidade, os rivais, o sofrimento do herói e da heroína, a guerra, etc; Marília P. Futre Pinheiro («Heliodorus, the *Ethiopian Story*») discute a questão autoral, a importância do espaço para o tratamento do elemento exótico, a estética literária e a retórica, a composição e técnica narrativa da obra. A segunda sub-parte, dedicada aos romances latinos, tem início com o ensaio de Heinz Hofmann («Petronius, *Satyricon*»), no qual o autor explora e discute as questões tradicionalmente problemáticas da autoria e transmissão do texto, as tentativas de reconstituição da parte perdida da obra, a *Cena Trimalchionis*, as narrativas inseridas e os poemas; Paula James oferece ao leitor uma perspectiva pessoal da relação mantida com o *Asinus Aureus* de Apuleio ao longo de várias décadas, bem como das tentativas de promoção da sua leitura junto de audiências não especializadas; Giovanni Garbugino («*Historia Apollonii Regis Tyri*») discute a hibridizade do texto, analisando as semelhanças e divergências em relação aos modelos gregos e latinos, e a sua importância no contexto cultural da emergente Idade Média. Na terceira sub-parte, intitulada «Related», Susan Stephens analisa um grande grupo de romances fragmentários, contrastando-os com os romances gregos canónicos; Barry Baldwin analisa a Sátira Menipeia e o seu criador a partir de fontes antigas e discute autores e obras, tradicionalmente cunhadas como tal, com especial ênfase na *Apocolocyntosis*; David Konstan e Ilaria Rimelli privilegiam a análise das intertextualidades entre os romances antigos e os textos cristãos como os *Actos* ou as *Passiones* de Santos.

Na segunda parte («Genre and Approaches»), Marília Futre Pinheiro discute a problemática associada ao conceito de género e analisa os elementos

definidores do romance antigo, salientando a estrutura narrativa, a verosimilhança da história e o motivo erótico; Graham Anderson analisa o discurso nos romances, evidenciando a relação existente entre a proliferação de vozes e o nível do texto; Koen De Temmerman estuda os processos de caracterização das personagens, realçando a forma como os autores transformaram personagens-tipo em caracteres individualizados; Timo Glaser, depois de referenciar a história da investigação que delimita a ficção epistolar como um género, explora as cartas de Quíon e Eurípides e a recepção do género no contexto da epistolografia cristã; por fim, Consuelo Ruiz-Montero analisa a *Vida de Esopo* segundo o modelo de V. Propp, salientando a sua relação com a Segunda Sofística e a presença de elementos de várias tradições (folclore, o estilo cortês oriental, a comédia, etc).

A terceira parte da obra («Influences and Intertextuality») conta com dez ensaios. O primeiro, assinado por Stavros Frangoulidis, analisa o tema da hospitalidade no *Asinus Aureus*, estabelecendo Hípata e Cêncreas como os mais fortes exemplos contrastivos da obra; Luca Graverini analisa a influência da épica no romance, realçando o papel das intertextualidades na criação dos caracteres, e conclui que a adaptação dos modelos épicos a contextos distintos resulta em uma simultânea aproximação e distanciamento dos géneros; Judith P. Hallett e Judith Hindermann tratam a influência da elegia (nomeadamente de Catulo, Propércio, Tibulo e Ovídio) nos romances de Petrónio e Apuleio; Paula James faz uma digressão pelo *Asinus Aureus*, realçando estudos marcantes que modificaram percepções relativamente a matérias e assuntos amplamente debatidos pela crítica; Françoise Létoublon analisa a «alusão» feita pelo romance a tópicos e modos de expressão metafórica do amor presentes na poesia grega e em Platão; Françoise Létoublon e Marco Genre argumentam o débito do romance grego em relação ao teatro (tragédia e comédia), o qual consideram mais significativo, por vezes, do que o existente em relação aos textos épicos; Aldo Setaioli analisa os poemas em *Satyricon*, observando que, além de uma função paródica, estes textos apresentam referências programáticas; Niall Slater analisa a tradição das histórias que têm como tema central a metamorfose de um humano em burro, argumentando que os textos produzidos nessa tradição, embora formem uma rede intertextual, foram contudo individualmente criados na dependência directa dessa tradição; Giuseppe Zanetto documenta a influência dos *Poemas Homéricos* e de Safo nos romances gregos discutindo, entre outros, motivos, alusões directas e paródicas e o seu significado; Angela Holzmeister analisa a *ekphrasis*, quer de um ponto de vista teórico (que inicia com a referência, já canónica, aos *Progymnasmata*), quer do ponto de vista da evolução do estado da arte na contemporaneidade, argumentando (com base em uma combinatória das teorias de Bakhtin e de Voloshinov sobre o «herói») que esta estrutura funciona como uma verdadeira personagem no romance grego.

Na última parte, intitulada «Themes and Topics», Barry Baldwin comenta, em estilo miscelâneo, vários tópicos, que incluem a recepção de Petrónio na ficção, problemas de tradução e de interpretação de passos da obra, propostas de datação, bem como elementos de crítica textual; Anton Bierl analisa a forma como os elementos míticos presentes em *Dáfnis e Cloe* funcionam estética e poeticamente, articulando a análise com a recontextualização da influência de Teócrito no romance; Ellen Finkelppearl discute as visões dos valores e funções tradicionais associados ao género no romance grego em Apuleio e Petrónio, bem como nas narrativas cristãs; Sophie Lalanne analisa, nos romances gregos, as funções de género, concluindo que os ritos de passagem, tal como desenvolvidos por estas narrativas, influenciam as representações gregas relativas à Educação e corroboram o estereótipo relativo ao papel público das mulheres, salientando ainda o papel da violência no reforço dos papéis tradicionais associados ao género; John Makowski analisa o tema do homoerotismo, realçando que, apesar de a Segunda Sofística ter contribuído para a consagração do amor heterossexual, o amor grego tem ainda um espaço narrativo importante no romance, obtendo nele um tratamento de grande complexidade, variedade e sofisticação; Claudio Moreschini dedica o seu estudo aos autores do século II d.C., trazendo à colação, entre outros elementos, o estilo (sobretudo, as notações de arcaísmo) das cartas de Frontão, de *Noites Áticas* de Aulo Gélio e dos discursos e tratados filosóficos de Apuleio, terminando o ensaio com referências aos *Poetae nouelli* e a autores menores (Severo Arabiano, Loliano Avito, Cláudio Máximo e Júlio Aquilino); Peter von Möllendorff analisa um conjunto de episódios da *História Verdadeira* para definir o carácter híbrido do conceito de *paideia* em Luciano, argumentando que esta (e a sua conceptualização) se constitui como uma estrutura associativa do conhecimento clássico que operacionaliza quer relações surpreendentes, quer uma constelação de figurações heterogéneas que obstaculizam a identificação, forçando, deste modo, o leitor à sua descodificação; Judith Perkins contrasta o imaginário da generosidade presente nos romances antigos com o imaginário desenhado pelos *Actos* apócrifos, que se alarga quer aos sectores pobres das populações, quer a grupos excluídos dos mecanismos sociais e políticos de munificência cívica; Stefan Tilg analisa o *Conto de Amor e Psique* (contexto narrativo, paralelos com o prólogo e interpretações) argumentando que, neste caso, à semelhança do que sucede com outros episódios da obra, a figura da sua narradora constitui uma paródia ao *Banquete* platónico, especificamente à aludida figura de Diotima; Martin Winkler discute o tópico da morte inesperada das heroínas em Aquiles Tácio, Heliodoro e Alfred Hitchcock, permeando a análise com as posições aristotélicas sobre a «plausibilidade»; Maria Pia Pattoni escreve sobre a recepção de Longo a partir do Renascimento, analisando as traduções e reescritas do texto ao longo dos tempos, em várias culturas.

O presente volume constitui, na tradição dos *Companions*, um excelente contributo para a crítica do romance antigo, fornecendo aos leitores diversos pontos de vista sobre matérias centrais para o estudo do romance antigo (saliente-se ainda o facto de cada ensaio vir acompanhado de bibliografia e de uma secção intitulada «Further Readings» e de, no final do volume, se apresentar um Index de autores, obras e tópicos).

**Cláudia Teixeira**  
Universidade de Évora

**MARÍLIA P. FUTRE PINHEIRO, MARILYN B. SKINNER et FROMA I. ZEITLIN eds.** (2012) *Narrating Desire. Eros, Sex, and Gender in the Ancient Novel*. Berlin, Walter de Gruyter GmbH & Co., 289 pp. ISBN 978-3-11-028182-8 (139.95 €).

O presente volume resulta da reunião de algumas das comunicações apresentadas ao ICAN IV (IV Congresso Internacional sobre o Romance Antigo), que decorreu em Lisboa, em 2008. Seguindo a opção de agrupar as apresentações então feitas por assuntos e, deles, publicar livros temáticos subordinados ao substrato comum do romance antigo, as coordenadoras deste volume propõem aqui um conjunto de textos centrados nas problemáticas do amor, da sexualidade e do género.

O livro está dividido em cinco partes. A primeira, *Theorizing Love and Desire in the Ancient Novel*, consiste em apenas um texto, o de J. Alvares, o qual debate o tema do desejo no romance grego, a partir da teoria lacaniana do desejo e do amor. A perspectiva é original e produtiva, visto resultar em leituras enquadradas pela psicanálise moderna, ao mesmo tempo que fornece um enquadramento teóricofilosófico para o tema de *eros* nas culturas antigas em geral. A segunda parte, *Gender and Ways of Organizing Space*, inclui três textos cujas análises se centram na problemática do espaço, relacionando-o com outros conceitos essenciais para a definição do romance antigo, como o de «amor» e de «género». Neste quadro, o jardim, tema sobre o qual se debruça o texto de A. Littlewood, centrado no romance bizantino, assume um papel especial (também por ser especialmente propenso ao método ecrástico), constituindo um dos elementos orientalizantes mais significativos nesta temática. A terceira parte, *Male Identity and Gendered Ambiguities in the Greek Novel*, traz à colação um dos assuntos quanto a nós mais interessantes, o das problemáticas da identidade de género e a forma com esta se relaciona com a questão da sexualidade. No âmbito de uma cultura em que as leituras e as interpretações do estatuto dos indivíduos tiveram variações consideráveis, de acordo com o espaço e o tempo, textos como os de F. I. Zeitlin e de D. King têm o maior interesse, por avançarem